Silene Ferreira Claro¹

Eles não usam Black-Tie: uma análise historiográfica

Recebido em: 03/12/2012 - Aprovado em: 16/12/2012 - Disponibilizado em: 26/12/2012

Resumo

Análise crítica do filme *Eles Não Usam Black-tie*, segundo metodologia desenvolvida para análise cinematográfica como fonte histórica e também como material didático.

Palavras-chave: Cinema; História; Cinema Brasileiro; Movimento Operário; Sindicalismo.

Abstract

Critical analysis of the film “They do not wear black tie” for second analysis methodology developed film as a historical source as well as teaching material.

Keywords: Cinema; History; Cinema Brasileiro; Labor Movement; Unionism.

1. Introdução

O cinema é, reconhecidamente, um grande veículo de comunicação de massas. Desde seu surgimento, tem suscitado inúmeras críticas, muitas positivas, outras negativas, mas seu caráter de produto cultural e sua capacidade de alcance tem chamado a atenção de inúmeros setores.

Nos anos 20, nos EUA, a indústria cinematográfica ganhou grande destaque, colaborando para a disseminação de um

sentimento de euforia com o vertiginoso progresso norte-americano. Na década de 30, foi a vez dos governos nazifascistas utilizarem a força do veículo para organizarem uma gigantesca e irresistível propaganda política de divulgação da ideologia dominante. Nas décadas seguintes, o cinema continuou demonstrando cada vez mais o seu potencial como produto, artefato cultural e difusor de ideologias, passando a

¹Silene Ferreira Claro - Doutora em História Social pela FFLCH-USP (2008). Bacharel em História pela Universidade de São Paulo (1999) e graduação em Licenciatura em História pela Universidade de São Paulo (1999). Docente no Curso de Pedagogia nas Faculdades Integradas Campos Salles, cadeira de Metodologia do Ensino de História, Tecnologias da Informação e Comunicação aplicadas à Educação e História da Educação. Docente nos cursos de História e de Pedagogia da Faculdade Sumaré. Foi professora do Centro Universitário Sant’Anna e monitora PAE no Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP, em 2005. Experiência na área de História, com ênfase em História Regional do Brasil, Historiografia e História do Brasil Contemporâneo, África e cultura Afro-brasileira, atuando principalmente nos seguintes temas: educação, cultura brasileira, história cultural, didática do ensino de História e uso de tecnologias na e para a educação. Membro do NDE - Núcleo Docente Estruturante, dentro da Faculdade Sumaré desde agosto de 2012 e também no Centro Universitário Sant’Anna, nos cursos de Licenciatura em História e de Música, conforme orientações do MEC, entre 2008 e 2010. Colaboradora do NDE das Faculdades Integradas Campos Salles. Autora colaboradora na Editora Oxford do Brasil desde 2011. Foi tutora no curso da Escola de Formação de Professores Paulo Renato de Souza na edição de preparação de cursistas para o concurso em 2011. Atuo também como professora de História, Sociologia e Filosofia nos ensinos Fundamental e Médio, na rede privada, em Osasco-SP. E-mail: silene.claro@usp.br

influenciar o comportamento de milhões de pessoas.

Sendo produto cultural, o cinema deve ser pensado como reflexo da lógica capitalista que pretende alcançar o lucro planejado em sua idealização. Como difusor de ideologias, pode construir ou destruir sistemas de pensamento. Em ambas perspectivas um filme pode, também, ser considerado e analisado como fonte histórica, que ajuda a desvendar muitas facetas de um mesmo objeto. É interessante como um filme tem o poder de agregar e revelar a visão que um determinado segmento tem de seu tempo.

Um filme analisado como uma fonte histórica deve estar sujeito às críticas interna e externa. Assim, as primeiras informações que precisamos ter são as condições de produção. Identificar equipe técnica, elenco e empresa financiadora. Todas essas informações, e também a recepção do público, nos ajuda a entender sobre quem produz para quem e como o produto repercutiu. A crítica interna é a análise do enredo perseguindo os vestígios, ideologias explícitas e implícitas da sociedade que o produziu e recebeu.

É dentro da perspectiva acima que procuramos analisar o filme *Eles não usam Black-Tie*, produção nacional de 1981, sob a direção de Leon Hirszman, com adaptação e roteiro de Giafrancesco Guarnieri, ambos militantes ligados à esquerda comunista durante as décadas de 60 e 70, e que utilizavam a arte que produziam como uma forma de engajamento político, acreditando que assim, colaboraram para a conscientização da sociedade.

O filme é uma adaptação de uma peça teatral encenada pela primeira vez em 1958. De Guarnieri, *Eles não usam Black-Tie*, escrita quando o artista tinha ainda 24 anos de idade, representa uma inovação no mundo do teatro por dois motivos: primeiro, porque promoveu a recuperação do Teatro de Arena de São Paulo e, segundo, porque foi a primeira peça a introduzir uma temática popular. A história encenada em 1958 apresentava o movimento operário e o cotidiano das favelas do Rio de Janeiro na década de 50. A transposição de tal temática para o cinema, vinte anos depois, exigiu efetiva intervenção no roteiro, o que foi feito pelo próprio autor. No filme, *Eles não usam Black-Tie* vemos a representação de São Paulo no final dos anos 70, destacando o movimento operário e a sua intervenção e a luta pela redemocratização do país.

Inicialmente o filme foi proibido no Brasil, entretanto, depois de receber inúmeros prêmios como o Leão de Ouro do Festival de Veneza, dentre outros, o governo brasileiro foi obrigado a liberar a sua exibição. Com isso, dentro e fora do Brasil, *Eles Não Usam Black-Tie* ganhou grande repercussão. Os militantes Hirszman e Guarnieri conseguiram atingir grande parte do público que desejavam e se lançaram no cenário artístico nacional devido ao sucesso do filme.

Recentemente, a história foi encenada nos palcos de São Paulo, em 2001, e do Rio de Janeiro, em 2007, o que demonstra a narrativa que procurava ser uma crítica da sociedade durante a década de 50 ainda é atual. Constatação que nos leva a refletir que mesmo após 50 anos alguns problemas na nossa sociedade ainda continuam atuais.

2. Análise historiográfica do filme

Nossa análise do filme *Eles não usam Black-Tie* foi organizada em eixos temáticos. O agrupamento foi escolhido como forma metodológica de discutir o maior número de temas suscitados pelo filme, procurando evitar a dispersão da análise.

Os eixos temáticos escolhidos são: o cotidiano da classe trabalhadora e o mundo do trabalho; o movimento operário e a crítica à sociedade perpassam os eixos.

3. O cotidiano da classe trabalhadora

As imagens do filme, juntamente com os diálogos e trilha sonora escolhidos nos permitem fazer uma leitura do cotidiano sofrido, repleto de tensões e conflitos de todos os tipos. O cenário apresentado desperta uma sensação de aridez e desconforto, sugestionando as dificuldades da vida do trabalhador brasileiro.

A própria organização da casa das personagens centrais – Otávio e Tião -, espelha a dinâmica do grupo. Moradia pequena, sem muitos móveis, com o filho mais novo da família dormindo na sala, mal acomodado. A questão da privacidade também é enfatizada, visto que o sono do jovem não é motivo para a família deixar de se reunir na sala muito tarde da noite.

As reuniões familiares ocorrem geralmente em horários que acabam diminuindo a duração do contato, visto que ocorrem à noite, antes de dormir cedo, “pois amanhã é dia de trabalho”, frase que é repetida frequentemente no filme. As refeições matinais acontecem sempre com alguns membros da família em pé ao redor

da mesa, continuamente com pressa. Estas duas observações nos remetem à ideia de que o trabalho impunha os horários para os trabalhadores. Ratificando tal ideia, destacamos a relação entre o pai, Otávio, e o filho, Tião, que trabalham na mesma fábrica, mas nem sempre conseguem se encontrar. Assim, além confirmar a ideia do tempo da fábrica, é ressaltado que o trabalho acaba se interpondo nas relações sociais.

As relações sociais entre as pessoas, nos poucos momentos em que não estão trabalhando, costumam acontecer em um bar, no qual os operários se encontram frequentemente para conversar e compartilhar a bebida. A estável recorrência à bebida, como uma forma de amenizar o sofrimento, ou, como aparece na fala de Otávio, “calibrar”, reforça a ideia do cotidiano sofrido que só pode ser suportado se tiver alguma compensação: no caso, a bebida. A única personagem que foge desses espaços de sociais é Tião, no início do filme, que aparece saindo do cinema, junto com a namorada. Tião é um operário que procura outros padrões de vida, moldes burgueses, e o fato de ser o único que rompe com o circuito casa-fábrica-bar, sugere a sua desvinculação da classe.

A violência familiar também é sugerida quando as cenas estão voltadas para o núcleo da família de Maria. Em um primeiro momento, ao chegar a casa, ela ouve gritos de socorro de uma mulher, que apanhava do marido. Ninguém ajuda a personagem, a qual ouvimos somente a voz. Uma referência à violência contra a mulher da qual a sociedade se omitia. Também, dentro da família de Maria o mesmo assunto é abordado, quando o

irmão dela sugere que o pai bêbado bateria na mãe deles, que iria “começar de novo”. Na cena do confronto final entre Maria e Tião, ele chega a bater nela, mais uma demonstração de uma sociedade machista praticante da violência familiar, principalmente contra mulheres e crianças.

Outra questão sutil apresentada é a vida das pessoas influenciadas pela programação da televisão. Nas cenas em que o televisor aparece, geralmente são mostrados programas da TV Globo, como o Fantástico. O fato de todos assistirem aos mesmos programas nos indica o controle exercido sobre a população pela emissora naquele momento.

Apesar de *Eles Não Usam Black-Tie* ser uma obra datada, com um discurso político muito claro, as questões cotidianas dos trabalhadores não parecem ter sido superadas totalmente. Se hoje, uma boa parte da população tem acesso às linhas de crédito para consumirem cada vez mais os produtos eletrodomésticos, que oferece uma falsa sensação de ascensão social, um grande número de pessoas continua vivendo com seus aparelhos em moradias em péssimas condições, em bairros sem a infraestrutura necessária. A TV Globo continua a influenciar cada vez mais a vida das pessoas transformando o comportamento de gerações inteiras. E, a recorrência às bebidas continua existindo. As permanências históricas se fazendo presente, muito mais que as rupturas, tão necessárias nesses casos.

4. O mundo do trabalho

Neste eixo temático o filme sobrepõe três profissões diferentes, sem, no entanto, aprofundar no diálogo entre eles. As

profissões são: metalúrgicos; office-boys e operários da construção civil. O trabalho mais mostrado é dos metalúrgicos, que obtém destaque e são representados como uma classe organizada e preocupada com seus problemas. As demais aparecem quase que desconectadas, como se houvesse uma hierarquização entre as profissões. Por outro lado, não podemos esquecer de que o filme é datado e produzido dentro do ressurgimento do movimento operário tendo como base a redemocratização do país, numa obra produzida por artistas militantes da esquerda, que tinham alguns posicionamentos políticos que se misturam com a obra.

A referência aos office-boys é sutil. Ocorre logo no início do filme quando Tião e Maria chegam a casa dele, e o jovem irmão de Tião dorme na sala. Ao acordar, conta para o irmão sobre o sonho com o time de futebol dos office-boys. Outra alusão acontece quando Otávio, saindo para trabalhar, lembra a esposa, Romana, de não deixar o filho mais novo, Chiquinho, perder a hora, pois não podia “ser descontado” de novo. Nesta família proletária, todos precisam contribuir trabalhando e a referência ao emprego do filho mais novo sem muita discussão reforça a ideia de hierarquização entre as profissões. Entretanto, uma referência às greves de 1979, na qual bancários e office-boys ensaiaram uma greve que, apesar de ter sido duramente reprimida, serviu para mostrar para a sociedade a importância da organização.

A construção civil também é destacada no filme através do pai de Maria. O homem que passava a maior parte do tempo embriagado, devido às péssimas condições da família por sua falta de

emprego, só consegue se libertar, temporariamente do alcoolismo quando encontra um emprego. A ilusão de um futuro melhor é logo destruída pela morte em um assalto. Mas, a breve cena em que aparece, demonstra um grupo sem coesão. Ao contrário dos metalúrgicos que utilizam uniformes, gerando um elo a mais de identificação, os operários da construção civil não se identificam nem pela aparência.

O núcleo metalúrgico é o grande destaque do filme. Entretanto, o filme enfatiza poucas vezes a linha de produção e montagem, porém quando são mostradas a iluminação e a escolha de ângulos ajudam a reforçar a sensação de péssimas condições de trabalho. O próprio som da fábrica colabora para aumentar essa percepção.

Entretanto, o maior destaque dado as cenas da fábrica são os encontros, as conversas nos vestiários, refeitórios, entrada ou saída do estabelecimento. Provavelmente são nesses diálogos que repousam a grande crítica que o filme deseja fazer: o papel do sindicato na organização operária, dos partidos de esquerda dentro do sindicato. Há também a discussão em torno do peleguismo, tanto dentro do sindicato quanto na própria fábrica. *Eles Não Usam Black-Tie* está muito afinado com o momento em que foi produzido, pois a grande organização dos trabalhadores ocorreu principalmente dentro das fábricas e não pela ação sindical, já que os sindicatos estavam controlados pelas autoridades naquela época.

Um anacronismo precisa ser apontado no discurso: a personagem chamada de “italiano” é muito mais referência ao

movimento operário da década de 50, quando existia certa disputa entre “nacionais” e “estrangeiros”. Entretanto, tais conflitos eram pequenos. O mais provável é a referência ao movimento operário em seus primórdios, quando a presença imigrante nas indústrias brasileiras, muitos influenciados por anarquistas e posteriormente comunistas, se fez mais presente, principalmente na década de 20.

A questão do arrocho salarial que soterrava o poder de compra dos trabalhadores é notado em vários diálogos: dentro da fábrica, mas principalmente nos confrontos entre Otávio e Tião. Este último em vários diálogos faz referência às péssimas condições salariais representadas nas condições de vida da família, desacreditando assim do movimento operário como forma de conquistar melhorias. Desse modo, observa-se o confronto entre o coletivismo de Otávio, consciente de que os ganhos maiores são os da classe, como o individualismo de Tião, que discute ao longo do filme a questão de que a realização na vida é resultado do esforço individual. E, a introdução do FGTS (Fundo de Garantia por Tempo de Serviço), dispositivo criado pelos governos militares para quebrar a estabilidade no emprego, só aparece na fala de Tião, que reconhece tal benefício como mais um ganho individual. Desta forma, Tião não se compromete e nem se preocupa com a classe. A crítica é em relação ao FGTS é uma análise à legislação criada para enfraquecer o trabalhador diante do poder do capital e dos governos militares. O FGTS está incorporado à mentalidade trabalhista e, atualmente, devido à ampliação do mercado informal de trabalho, é cada vez menor o número de

trabalhadores que podem contar com tal benefício, por mais desagregador que tenha sido em sua origem.

Mas, apesar da introdução da questão do FGTS, os operários no filme são demitidos por questões políticas ou pessoais, não por falta de posto de trabalho. Isso aparece nas falas de Otávio e Tião: ambos afirmam que, se perderem o emprego, não demorariam muito para encontrar outro, pois tinham uma profissão. Novamente o destaque para a categoria metalúrgica. Atualmente, o movimento operário encontra-se mais enfraquecido, visto que o desemprego é uma realidade entre milhões de pessoas ao redor do mundo, decorrentes das novas formas de organização do trabalho, com valorização de um novo tipo de formação flexível, como fragmentação da produção, associada à automação. Se nos anos 70 o desemprego entre os metalúrgicos não era fator desagregador da união da categoria, atualmente ocorre o contrário.

5. Movimento operário e crítica social

Do núcleo metalúrgico passamos para a questão da greve que é o debate principal do filme. A divisão entre os operários aparece em algumas cenas, como quando discutem no vestiário da fábrica, assim como saem do sindicato ou se encontram no domingo no campo de bocha, refletindo as críticas ao sindicalismo da época. De um lado há os partidos de esquerda (partidos comunistas), criticados pela extrema burocratização ou pela opção em agir violentamente. Os operários procuravam um movimento que

implicasse, em sua essência, luta pelas questões econômicas e salariais.

A violência policial é discutida durante todo o filme, de forma explícita, às vezes, e de forma implícita outras situações. Essa realidade não afetava apenas o movimento operário, mas estava em todas as esferas. Em vários momentos a repressão é mencionada ou mostrada. Uma das primeiras cenas do filme é de uma batida policial em que o dono do bar media o contato entre os oficiais e o grupo de músicos. Outras cenas, como a da morte do ladrão nos fundos do mesmo bar, sendo ouvida por Otávio e Tião, sugerem a sensação da indignação calada a força. A personagem de Fernanda Montenegro, Romana, esposa do sindicalista Otávio, e mãe de Tião, no momento da greve fez inúmeras recomendações, para os dois, como para levarem documentos e endereço, pois de acordo com a fala da personagem: “se acontecer alguma coisa ficamos sabendo logo”. A repressão à greve, primeiro com o cordão de isolamento para os trabalhadores entrarem na fábrica, depois a perseguição e espancamento, principalmente das operárias. Por fim, o assassinato de um dos companheiros de Otávio durante o piquete por um policial militar.

A consciência e a coragem no filme são representadas pelas mulheres Maria e Romana. Uma incentiva o noivo a participar da greve, ser solidário com a classe. A outra salva o marido das garras do DOPS, uma demonstração de que a sociedade civil havia perdido o medo e estava pronta para lutar por sua liberdade e seus direitos.

“Por fim, há o debate sobre o aborto, uma temática que aparece nos diálogos

entre Tião e Maria, assunto que é discutido entre Tião e Maria, o aborto é abordado como um meio de solucionar problemas”. A questão do aborto no filme aparece disputa de gênero entre o casal. Mas, o debate continua muito atual. A descriminalização do aborto recentemente, com a vinda do Papa Bento XVI, em maio de 2007, voltou aos debates de religiosos e autoridades.

Após análise, observamos que o filme mesmo não sendo uma produção atual, ainda trata de questões, que ainda hoje são atuais em nossa sociedade.

Por outro lado, algumas rupturas são sugeridas relacionadas com as características do mundo do trabalho na sociedade globalizada. Se há trinta anos os trabalhadores eram frágeis diante do capital, atualmente encontram-se muito mais vulneráveis, pois a sociedade atual pressupõe melhor qualificação visto que os processos de produção utilizam automação. Por outro lado, os trabalhadores têm mais responsabilidades pela qualidade ao longo do processo. Os sindicatos não conseguem mais representar as classes operárias, primeiro porque a maior parte da população economicamente ativa encontra-se no setor terceirizado. Segundo, com o surgimento das transnacionais, as empresas quebraram a força das categorias, pois a qualquer momento podem fechar uma unidade e reabrir em outra localização. Assim, o movimento operário não conseguiu superar as inúmeras dificuldades ao longo dos anos e, a atual estrutura do mercado de trabalho coloca outras tantas para o trabalhador resolver.

6. Roteiro de Análise do Filme

Filme: *Eles não usam Black Tie*

Título Original: *Eles não Usam Black-Tie*

Ano de Lançamento (Brasil): 1981

Distribuição: Embrafilme

Direção: Leon Hirszman

Roteiro: Gianfrancesco Guarnieri e Leon Hirszman

Produção: Leon Hirszman Produções e Embrafilme

Música: Adoniran Barbosa, Chico Buarque de Hollanda e Gianfrancesco Guarnieri

Fotografia: Lauro Escorel

Desenho de Produção: Jefferson Albuquerque Júnior e Marcos Weinstock

Figurino: Yurika Yamasaki

Edição: Eduardo Escorel

Elenco: Gianfrancesco Guarnieri – Otávio; Paulo José – Padre; Francisco Milani – Santini; Milton Gonçalves – Bráulio; Fernanda Montenegro – Romana; Bete Mendes – Maria; Antonio Petrim – Tião; Carlos Alberto Ricelli – Tião.

Locação das imagens: São Paulo

Gênero: Drama

Duração: 134 minutos

6.1. Sinopse:

O filme se passa na cidade de São Paulo, em 1980, narrando a história do jovem operário Tião e sua namorada Maria que decidem se casar, pois descobrem que a moça está grávida. Ao mesmo tempo, eclode um movimento grevista que divide a categoria metalúrgica. Preocupado com o

casamento e temendo perder o emprego, Tião fura a greve, entrando em conflito com o pai, Otávio, um velho militante sindical que passou três anos na cadeia durante o regime militar.

6.2. Comentários:

O filme foi dirigido por Leon Hirszman (1937-1987), engenheiro de formação, mas que escolheu o cinema como profissão. Filho de judeus poloneses, transformou-se em um marco na cinematografia nacional, pois é considerado um ícone Cinema novo, era considerado pelos colegas como o “maior articulador” do cinema brasileiro. Destacou-se na direção de *A Falecida*, adaptação de Nelson Rodrigues, e *São Bernardo*, adaptação da obra de Graciliano Ramos. Com a obra *Eles não usam Black-Tie*, recebeu os prêmios Leão de Ouro do Festival de Veneza, o Grande Prêmio Coral Negro no 3º Festival Internacional do Novo Cinema Latino-Americano; Grande Prêmio do Festival dos Três Continentes; Espiga de Ouro do Festival Internacional de Valladolid. E em 1982 obteria o Prêmio Air France.. Hirszman destaca-se também por sua notória politização e militância comunista (PCB) desde a juventude, produzindo filmes sempre engajados. Hirszman fez vários estudos sobre produção cinematográfica que serviram de estudos para a legislação de proteção ao cinema brasileiro. Morreu aos 50 anos vítima da AIDS.

Filmografia: *Bahia de Todos os Santos* (interrompido, 1984) - direção (junto com Paulo Cesar Sarraceni); *Imagens do Inconsciente* (1983-86) - roteiro e direção; *Eles Não Usam Black-Tie* (1981) - roteiro (junto com Gianfrancesco Guarnieri) e direção *ABC da Greve* (1979-90) - roteiro

e direção; *Que país é este?* (1977) - roteiro (com Zuenir Ventura) e direção; *Rio, Carnaval da Vida* (1977) - roteiro (junto com Sérgio Cabral) e direção; *Partido Alto* (1976-82) - roteiro e direção; *Cantos do Trabalho: Cacao* (1976) – direção; *Cantos do Trabalho: Cana-de-açúcar* (1976) – direção; *Cantos do Trabalho: Mutirão* (1975) – direção; *Cinema Brasileiro: Mercado Ocupado* (1975-95) - roteiro e direção; *Megalópolis* (1972) – direção; *Ecologia* (1972) – direção; *São Bernardo* (1972) - roteiro e direção; *A Vingança dos 12* (1970) - produção executiva; *Garota de Ipanema* (1967) - roteiro (com Eduardo Coutinho) e direção; *A Falecida* (1965) - roteiro (com Eduardo Coutinho) e direção; *Sexta-Feira da Paixão, Sábado de Aleluia* (1964) – direção; *Nelson Cavaquinho* (1964) – direção; *Majoria Absoluta* (1964) - roteiro e direção; *Pedreira de São Diogo* (1962) - roteiro e direção; *A Mais-Valia vai Acabar, seu Edgar* (1959-60) - colagem de filmes usada na peça de Oduvaldo Vianna Filho; *Juventude sem Amanhã* (1958) - assistência de direção Giafrancesco Guarnieri, artista de cinema, teatro e televisão, italiano de nascimento e brasileiro de adoção, foi o autor da peça que deu origem ao filme. Inicialmente chamava-se *O Cruzeiro Lá no Alto*, estreado no Teatro de Arena em 1958, numa provocação ao TBC (Teatro Brasileiro de Comédia), foi rebatizado de *Eles não usam Black-Tie*, primeira apresentação teatral que levou o cotidiano dos trabalhadores para os palcos. Guarnieri também é roteirista do filme de 1981, fazendo algumas adaptações para a linguagem cinematográfica e também para o período, mais de vinte anos depois da estréia no teatro. Guarnieri, como Hirszman, também militou desde a

juventude. Os dois se conheceram nos anos 60 em atividades relacionadas com o CPC (Centro Popular de Cultura) e a UNE (União Nacional dos Estudantes).

O filme foi distribuído nos EUA pela New Yorker Films com o título de *They Don't Wear Black Tie*.

6.3. Conceituação:

O final da década de 1970 foi marcado por muitas transformações no Brasil com o enfraquecimento dos governos militares, de um lado, e o ressurgimento do movimento operário no Brasil. O modelo econômico baseado no desenvolvimentismo adotado pelos militares levou a classe trabalhadora a grandes perdas salariais, pois, associado a tal modelo econômico, o governo aplicou uma política econômica de arrocho salarial e manipulação dos dados econômicos. Tais medidas promoveram uma perda real no poder de compra dos salários dos trabalhadores de cerca de 30%. Por esta conjunção de motivos, em 1978 acontecem as primeiras greves do movimento operário, a partir dos metalúrgicos do ABC Paulista. As greves, apesar da dura repressão que sofreram, continuaram em 1979 e 1980, despertando a adesão da população que enxergou nas greves por questões salariais um bom momento para ampliar os protestos para o campo político. Desta forma, o movimento operário do final dos anos 70 serviu de base para a organização da sociedade civil contra os governos militares. Do ABC logo se alastraram por outras regiões de São Paulo, sempre contando com o apoio da Igreja Católica.

Foi um movimento desvinculado de orientações partidárias, organizando-se

principalmente no interior das fábricas. Nas greves de 1979 ocorreu a morte do operário Santo Dias em um piquete, assassinado pela PM de São Paulo. A missa deste trabalhador tornou-se uma espécie de símbolo e de alimento para a ampliação das lutas. Nessa movimentação ocorre a campanha pela Anistia em paralelo com o surgimento do Partido dos Trabalhadores, um dos grupos articuladores da subsequente campanha pelas Diretas-Já.

6.4. Roteiro de análise das imagens:

Observar nas cenas:

- A moradia dos operários e a sua organização interna.
- As relações familiares nos vários momentos de encontro entre os membros, sempre com pressa e discutindo sobre o trabalho.
- A violência policial em todos os setores da vida das pessoas.
- Os espaços de sociabilização das pessoas: a fábrica, o sindicato e o bar.
- A vida, as moradias e a falta de infra-estrutura nas favelas.
- Relação entre gêneros.
- O processo de produção na linha de montagem.
- A organização de greves e as disputas internas dentro do movimento.
- A busca dos padrões burgueses como casa, conforto, escola particular.
- Discussões sobre aborto.

6.5. Interdisciplinar:

✓ Estudar, através da História, o período dos governos militares no Brasil.

✓ Estudar, através da Geografia, as mudanças no mundo do trabalho dentro da sociedade globalizada.

6.6. Refilmagens ou obras relacionadas

Eles não usam Black-Tie. Peça teatral escrita em 1955 por Gianfrancesco Guarnieri e encenada no Teatro de Arena em 1958.

GUARNIERI, Gianfrancesco. **Eles não usam Black-Tie**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1995.

Eles não usam Black-tie. Direção de Marcus Vinícius Faustini. Em cartaz no Teatro Sesi do Rio de Janeiro. Esteve em cartaz em São Paulo em 2001.

6.7. Para Refletir

1. Quais são as novas características do sindicalismo brasileiro dentro de uma sociedade em que um grande número de trabalhadores está no mercado informal?

2. A inclusão de novas camadas no teatro pode ser considerada uma busca do popular real, influência dos pensamentos modernistas?

3. Qual a importância da legislação trabalhista dentro do Brasil contemporâneo? É necessário modificá-la ou ainda é capaz de organizar o mundo do trabalho no país?

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Juniel Rabêlo de; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (Orgs.) **Introdução à História Pública**. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

ALVES, Giovanni; MACEDO, Felipe. **Cineclube, Cinema & Educação**. Londrina: Práxis, Bauru: Canal 6, 2010.

ALVES, Giovanni. **Trabalho e Cinema: o mundo do trabalho através do cinema**. Londrina: Práxis, 2006.

ALVES, Giovanni. **Trabalho e Cinema: o mundo do trabalho através do cinema**. Londrina: Práxis, Bauru: Canal 6, 2010 (Volume 3).

ANTUNES, Ricardo C. **O que é sindicalismo**. 14ª ed., São Paulo: Brasiliense, 1988.

BARROS, José D'Assunção. **O campo da História: especialidades e abordagens**. 6. Ed., Petrópolis: Vozes, 2009.

BARROS, José D'Assunção. **O projeto de pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico**. Petrópolis: Vozes, 2009.

BUARQUE, Fernanda. **Eles não usam Black-Tié**. http://natelona.com/coluna_c.asp?id=8 (acessado em 13/05/2007)

- BURKE, Peter. **A Revolução Francesa da Historiografia: A Escola dos Annales (1929-1989)**. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991.
- CALDAS, Pedro Spinola Pereira. **A arquitetura da teoria: o complemento da trilogia de Jörn Rüsen**. Fênix – Revista de História e Estudos Culturais, Janeiro/ Fevereiro/ Março de 2008 Vol. 5 Ano V nº 1
- CAPELATO, Maria Helena, MORETTIN, Eduardo, NAPOLITANO, Marcos, SALIBA, Elias Thomé. **História e cinema: dimensões históricas do audiovisual**. São Paulo: Alameda, 2007.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 5ª ed., São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- CATENACCI, Vivian. **Cultura Popular: entre a tradição e a transformação**. São Paulo em Perspectiva, 15(2) 2001, p. 28-35
- COSTA, Walber Carrilho da. **Sindicalização e greves: história recente do movimento sindical brasileiro**. <http://www.anpuh.uepg.br/historia-hoje/vol2n6/walber.htm> (acessado em 12/05/2007)
- EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. São Paulo: Editora Unesp, 2005.
- EVANGELISTA, Rafael, BARBIERI, Andréia. **Nas fronteiras entre o cinema e a História**. In: <http://www.comciencia.br/especial/cinema/cine01.htm> (acessado em 17/10/2006)
- FERREIRA, Mauro. **Eles Não Usam Black-tie: Boa remontagem comprova grandeza do texto de Guarnieri**. http://www.terra.com.br/istoegente/37/divearte/teatro_black.htm (acessado em 18/05/2007)
- FERRO, Marc. **A manipulação da história no ensino e nos meios de comunicação**. São Paulo: Ibrasa, 1983.
- FERRO, Marc. **Cinema e História**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- GAWRYSZEWSKI, Alberto (Org.). **Imagem em debate**. Londrina: Eduel, 2011.
- GARCIA, Miliandre. **A questão da cultura popular: as políticas culturais do Centro de Cultura Popular (CFC) da União Nacional dos Estudantes (UNE)**. Revista Brasileira de História, vol. 24, n. 47, São Paulo, 2004
- GARDINER, Patrick. **Teorias da História**. 4 ed., Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995.
- GRAÇA, Marcos da Silva; AMARAL, Sergio Botelho do; GOULART, Sonia. **Cinema Brasileiro: três olhares**. Niterói: Eduff, 1997.
- HAGEMEYER, Rafael Rosa. **História & Audiovisual**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012 (História &... Reflexões)
- IANNI, Octavio. **A era do globalismo**. 4ª ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

LEAL, Eliane Alves. **O Nacional-Popular entra em cena na obra ensaios do Nacional-Popular no Teatro Brasileiro Moderno, de Diógenes André Vieira Maciel.** Revista de História e Estudos Culturais. Out./Nov./Dez. 2004, vol. 1, ano 1, n. 1. <http://www.revistafenix.pro.br/pdf/Resenha%20Eliane%20Alves%20Leal.pdf> (acessado em 13/05/2007)

LOURENÇO, Jaqueline, SOUZA, Rafael de Abreu, DOMINGOS, Simone Tiago. **Usando o Black-Tie: Despindo a obra de Gianfrancesco Guarnieri – O Cinema, o Marxismo e a Escola dos Annales.** <http://www.klepsidra.net/klepsidra22/black-tie.htm> (acessado em 12/05/2007)

MIUCCI, Carla. **HISTÓRIA DO CINEMA: Um breve olhar.** Dados disponíveis em: <http://www.mnemocine.com.br/cinema/historiatextos/carla2int.htm> (acessado em 12/02/2011).

NAPOLITANO, Marcos. **O regime militar brasileiro: 1964-1985.** São Paulo: Atual, 1998 (Discutindo a História do Brasil).

NAVES, Márcio Bilharinho. **Marx: ciência e revolução.** São Paulo: Moderna; Campinas: Editora Unicamp, 2000.

NOVA, Cristiane. **O cinema e o conhecimento da História. O Olho da História, 3.** Dados disponíveis em: <http://www.oohodahistoria.ufba.br/o3cris.html> (acessado em 16/10/2006)

PEREIRA, Hamilton. **Gianfrancesco Guarnieri.** http://www.piratininga.org.br/novapagina/leitura.asp?id_noticia=1177&topico=Hist%F3ria

PROENÇA, Graça. **História da arte.** São Paulo: Ática, 2000.

RAMOS, Alcides Freire. **Canibalismo dos fracos: Cinema e História do Brasil.** Bauru: Edusc, 2002.

ROIZ, Diogo da Silva. A ‘crise de paradigmas’ nas Ciências Sociais, uma questão relativa à teoria da história? Topoi, v. 7, n. 12, jan.-jun. 2006, pp. 261-266.

SCHWARTZ, Adriano (Org.) **Memórias do presente: 100 entrevistas do mais! – conhecimento das artes.** São Paulo: Publifolha, 2003.

VASCONCELOS, Ana Lúcia. **Leon Hirszman de volta às origens.** Revista de Cultura. N. 49. Fortaleza, São Paulo - janeiro de 2006. <http://www.revista.agulha.nom.br/ag49hirszman.htm> (acessado em 05/05/2007)

VIRILIO, Paulo. **Guerra e Cinema: logística da percepção.** São Paulo: Boitempo, 2005 (Coleção Estado de Sítio).

ZIZEK, Slavoj. **Lacrimae rerum: ensaios sobre cinema moderno.** São Paulo: Boitempo, 2009.